

DA FIGURA DE ESTILO À CONCEPÇÃO: A EXPANSÃO DOS ESTUDOS DA METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

FROM FIGURE OF SPEECH TO CONCEPTUALIZATION: THE EXPANSION OF METAPHOR STUDIES IN COGNITIVE LINGUISTICS

Luciana Oliveira Atanásio*

RESUMO: Este artigo reconstrói a passagem histórica da metáfora como figura de estilo, herdada da tradição retórico-poética à metáfora como processo cognitivo de conceptualização, consolidada na Linguística Cognitiva pela Teoria da Metáfora Conceitual. Ao defender que pensamento e ação cotidianos são, em grande medida, metafóricos, essa teoria desloca o foco do ornamento linguístico para os modelos conceituais que estruturam a experiência, abrindo novas agendas de pesquisa. Com base em pesquisa bibliográfica e revisão crítica, sistematizam-se pressupostos, classificações e contribuições que expandem o campo. Compreende-se que essa expansão fortalece o entendimento de como o estudo de metáfora conceitual se tornou mais preciso, testável e aplicável à medida que recebeu contribuições teóricas e metodológicas que refinaram seus conceitos fundamentais e ampliaram seus modos de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceitual. Cognição. Significado.

ABSTRACT: This article reconstructs the historical shift from metaphor as a figure of speech, inherited from the rhetorical-poetic tradition, to metaphor as a cognitive process of conceptualization, consolidated in Cognitive Linguistics through Conceptual Metaphor Theory. By arguing that everyday thought and action are largely metaphorical, this theory moves the focus from linguistic ornamentation to the conceptual models that structure experience, thereby opening new research

* Doutoranda em Linguística- PROLING-UFPA. Mestra em Estudo de Linguagens-UFPA. Integra o Grupo de Pesquisa em Linguística Cognitiva (LACON/UFPA) e o Grupo de Estudos em Tradições Culturais (GPCULT/IFMA – Campus Codó). Professora EBT do IFMA, Campus Codó. E-mail: luatanasio@gmail.com / luciana.atanasio@ifma.edu.br.

agendas. Based on a bibliographic survey and a critical review, the study systematizes key assumptions, classifications, and contributions that have expanded the field. It is argued that this expansion strengthens our understanding of how research on conceptual metaphor has become more precise, testable, and applicable as it has incorporated theoretical and methodological contributions that refined its core concepts and broadened its analytical approaches.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor. Cognition. Meaning.

INTRODUÇÃO

No vasto campo das perguntas sobre como o ser humano entende o mundo, as Ciências Cognitivas (CC) se consolidaram como um campo interdisciplinar voltado a investigar os processos mentais, isto é, como as pessoas percebem, pensam, tomam decisões, agem e usam a linguagem no dia a dia. Nesse cenário, a Linguística Cognitiva (LC) se afastou de visões mais tradicionais que tratavam a língua como um sistema separado do uso e dos falantes. Essa nova perspectiva, em vez disso, passou a compreender a linguagem como parte da própria experiência humana, articulando pensamento e cultura na forma como o ser humano negocia e partilha significados.

É nesse quadro teórico que a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), se destaca como uma formulação inovadora ao compreender a metáfora como elemento estruturante do pensamento humano e da experiência, e não apenas como uma figura de linguagem. Ao relacionar que o sistema conceitual ordinário é, em grande medida, metafórico, a TMC propõe estudos da metáfora para além do plano estilístico-retórico, e passa a considerar o nível dos modelos conceituais que orientam a interpretação do mundo vivido.

A partir dessas proposições, este artigo tem como objetivo organizar e apresentar os estudos basilares à formulação da TMC, seus pressupostos teóricos e, sobretudo, as contribuições mais relevantes que ampliaram o alcance e redefiniram os limites da teoria, além de propostas ulteriores a ela.

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, fundamentada na seleção, leitura e análise crítica de obras relevantes sobre o tema. Para a constituição do corpus teórico, realizou-se um levantamento de estudos de referência sobre metáfora orientado por critérios de relevância teórica, abrangência histórica e aqueles de pertinência ao campo da LC composto tanto por textos que antecedem a TMC, como os de Aristóteles (2015), Richards (1936) e Black (1962), quanto aqueles que descrevem e consolidam sua formulação, como os de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Lakoff (1987) e Johnson (1987), Gibbs (1994, 1999) além dos que favoreceram a ampliação de estudos na área em diferentes momentos de desenvolvimento como

os de Gibbs (2005, 2010), Kövecses (2000, 2002, 2005, 2009), Semino (2008, 2011), Charteris-Black (2004), Littlemore (2015). Esse percurso permitiu acompanhar a passagem das bases conceituais iniciais aos principais avanços, incorporando novas perspectivas e dimensões de análise nos estudos linguístico-cognitivos. Essa seleção de obras priorizou autores recorrentes e amplamente reconhecidos na área, assim como trabalhos que apresentam impacto teórico na consolidação e expansão dos estudos da metáfora no âmbito da LC.

Dentre os apontamentos apresentados sobressaem-se a diversidade de propostas de estudo da metáfora conceitual, sua aplicação e relevância à compreensão dos processos que estruturam a organização do pensamento. Nesse sentido, este trabalho busca contribuir para os estudos de linguagem ao tratá-la como processo cognitivo cêntrico no escopo da LC apontando para abordagens mais integrativas.

DA TRADIÇÃO RETÓRICA À METÁFORA COMO PROCESSO COGNITIVO

O estudo formal da metáfora começa na Antiguidade Clássica e na obra Poética, de Aristóteles (2015), esta é conceituada como transferência de nome, isto é, usa-se uma palavra para designar algo que, originalmente, não seria nomeado daquele modo, apoiando-se numa semelhança percebida. Nessa perspectiva, a metáfora aparece sobretudo como um tropo, um recurso de estilo que ajuda a dar beleza ao discurso. Entre os exemplos tradicionalmente associados à sua formulação, destaca-se a construção *a velhice é o entardecer da vida*, que ilustra a metáfora por analogia.

Essa visão aristotélica da metáfora como ornamento linguístico predominou por séculos e foi reforçada em textos de pensadores como Quintiliano (c. 35 – c. 100 d.C.), Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636), Dante Alighieri (1265 – 1321), Erasmo de Roterdã (1466/1467 – 1536) e Giambattista Vico (1668 – 1744)¹, estes mantiveram a metáfora no campo da retórica estilística, voltada ao uso literário e persuasivo da linguagem.

No Iluminismo (séculos XVII e XVIII), a metáfora passa a ser alvo de *desconfiança* entre filósofos empiristas, sobretudo John Locke, que, em *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1999 [1690]), considera a linguagem figurada um risco à clareza e à precisão exigidas na construção do conhecimento racional. O uso excessivo de metáforas ficaria, deste modo, restrito ao campo da eloquência poética, pois seria inadequado ao discurso filosófico e científico por comprometer a transparência semântica. Em contrapartida, durante o Romantismo e o Simbolismo (séculos XVIII e XIX), a metáfora foi valorizada como forma de intuição e criatividade, capaz de revelar verdades profundas e de conectar ideias de modo não literal, ainda que seu estudo

¹ Obras que tratam da metáfora: *Institutio Oratoria*, de Quintiliano (c. 95 d.C.); *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha (c. 630 d.C.); *De vulgari eloquentia*, de Dante Alighieri (c. 1303–1305); *De copia*, de Erasmo de Roterdã (1512); *Scienza nuova*, de Giambattista Vico (1725)

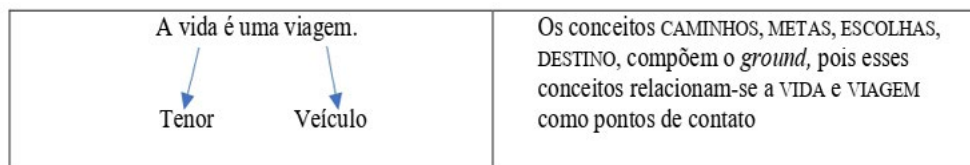
tenha se mantido ligado ao âmbito literário-estético, e distante de uma investigação de natureza epistemológica.

Com a consolidação do Estruturalismo Linguístico, após o Cours de Saussure (1857-1913), a metáfora passa a ser relacionada como fenômeno interno ao sistema da língua resultante de relações estruturais entre signos. Nesse contexto, Jakobson (2008[1956]) formula a clássica distinção entre metáfora (*eixo da seleção*) e metonímia (*eixo da combinação*), distinção que influenciou (e ainda influencia) o ensino escolar e as abordagens estilísticas ao longo do século XX.

Paralelamente, desenvolvem-se, no campo da Filosofia, da Retórica e da Hermenêutica, propostas que reorganizaram o estudo da metáfora a partir de critérios funcionais, estruturais e contextuais. Destaca-se a proposta de Richards (2018[1936]), que sistematizou a metáfora ao estruturá-la em três componentes:

- a) *Tenor*: o tema ou conceito abordado. É o tema sobre o qual se está falando.
- b) *Veículo*: a imagem que transporta, carrega o sentido e ajuda a enxergar o tenor de outro jeito.
- c) *Ground*: a base comum que justifica a analogia e faz a metáfora fazer sentido, pois por ser a base compartilhada justifica a comparação.

Figura 1: Tenor, Veículo e Ground



Fonte: Elaboração própria, 2026.

Essa tripartição ajudou a entender melhor como a metáfora funciona, porque ultrapassou a ideia de que ela é apenas trocar uma palavra por outra. Em vez disso, mostrou-se que a metáfora cria uma relação de sentido entre dois termos baseada em um ponto de contato, quer dizer, relação de sentido entre os conceitos envolvidos.

Nas décadas seguintes, diferentes autores aprofundaram essa compreensão. Langer (1971 [1942]) concebeu a metáfora como forma simbólica elementar que estrutura a experiência; Burke (2023 [1945]) a vinculou à constituição da ideologia e aos mecanismos de persuasão social; Frye (1971 [1957]) a situou no centro do imaginário literário e dos sistemas simbólicos coletivos. Em comum, essas abordagens deslocam o foco tradicional aristotélico da metáfora aproximando-a de questões relativas à forma simbólica, à ideologia e à organização de universos culturais.

A proposta da metáfora como fenômeno cognitivo é ampliada com a teoria de Black (1962), que a relaciona a partir da interação entre dois domínios:

a) *Tópico*: é o tema, o que se quer explicar (bem parecido com o tenor).

b) *Veículo*: é o termo figurado, a imagem/metáfora usada.

Figura 2: Tópico e Veículo



Fonte: Elaboração própria, 2026.

O veículo ativa implicações culturais, afetivas e conceituais que se projetam sobre o tópico, gerando novos sentidos. Assim, Black distingue dois tipos de metáforas:

a) *Metáforas substitutivas*: baseadas em similaridade e troca lexical; a metáfora funciona como uma troca de palavras.

b) *Metáforas interativas*: resultantes da tensão produtiva entre domínios distintos. Assim, a metáfora nasce da relação criativa entre dois domínios diferentes: um ilumina o outro e faz surgir sentidos novos que não foram dados previamente.

Na mesma linha temporal, Ullmann (1962) contribui para os estudos da metáfora com uma tipologia baseada na distância conceitual entre os domínios metafóricos, classificando-as em:

a) *metáforas próximas*: tem vínculos conceituais claros e diretos, portanto, a ligação entre os conceitos é bem direta e fácil de perceber.

b) *metáforas distantes*: mais abstratas e menos evidentes, gerando inovação semântica. A ligação é menos óbvia e mais abstrata, o que exige maior entendimento do contexto para reconhecer o vínculo entre os conceitos, promovendo reflexão e interpretação criativa.

Ainda em 1962, Turbayne, em *The Myth of Metaphor*, contesta a rígida dicotomia entre linguagem literal e figurada. Para ele, a metáfora constitui uma reconfiguração categorial deliberada, tanto linguística quanto epistemológica, por instaurar modos de apreender a realidade. Nessa mesma direção de aprofundamento, Ricoeur (2003 [1975]) oferece uma abordagem hermenêutica na qual a metáfora, ao mesmo tempo que representa a realidade, transforma-a como força produtiva de sentidos. Partindo dessa visão, o pensador propõe a seguinte classificação das metáforas:

a) *metáforas mortas*: já integradas à linguagem comum, sem efeito inovador. São tão usadas que ninguém mais sente o efeito metafórico.

b) *metáforas vivas*: que ainda provocam rupturas interpretativas, causam estranhamento, e abrem novas compreensões.

Vê-se que o percurso entre a tradição retórica clássica e as abordagens linguísticas, filosóficas e semióticas recentes mostram uma trajetória de crescente complexidade na compreensão da metáfora. Esse deslocamento conceitual, marcado pela tensão histórica entre o uso poético da linguagem e os ideais de objetividade científica, abre espaço para o surgimento da TMC.

METÁFORAS PELAS QUAIS VIVEMOS: ESTRUTURAÇÃO E CONCEITOS NA TMC

No contexto de mudanças teóricas e de abertura interdisciplinar que marcaram a chamada Segunda Revolução Cognitiva, surge a TMC formulada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) em *Metaphors We Live By*², obra inaugural dessa teoria e que consolidou a LC. Em oposição à concepção tradicional, os autores argumentam que a metáfora conceitual é ubíqua, cognitivamente fundamental e enraizada em práticas culturais específicas: “A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 15).

Nesse entendimento, elas são compreendidas como relações sistemáticas entre domínios conceituais, em que um conceito é entendido em termos de outro. Essa relação costuma ser representada pela forma estrutural X É Y, por meio da qual um domínio-fonte, em geral mais concreto e sensorial, é projetado sobre um domínio-alvo, mais abstrato e complexo, tornando ideias difíceis de apreender mais fáceis de serem compreendidas.

Esse processo pode ser observado nas chamadas Expressões Linguísticas Metafóricas (ELM), ou seja, nas formas concretas de linguagem pelas quais as metáforas conceituais subjacentes aparecem no discurso (Gibbs, 1994; Grady, 1997; Kövecses, 2002). Em outras palavras, são essas expressões que materializam em palavras os mapeamentos metafóricos, e são o caminho pelo qual eles se tornam visíveis e se realizam na linguagem.

Kövecses (2002, p. 4, tradução própria) sintetiza essa relação ao explicar que: “o domínio conceitual do qual extraímos expressões metafóricas para compreender outro domínio é o **domínio-fonte**, enquanto o domínio conceitual que é entendido dessa maneira é o **domínio-alvo**”³ (grifos do autor).

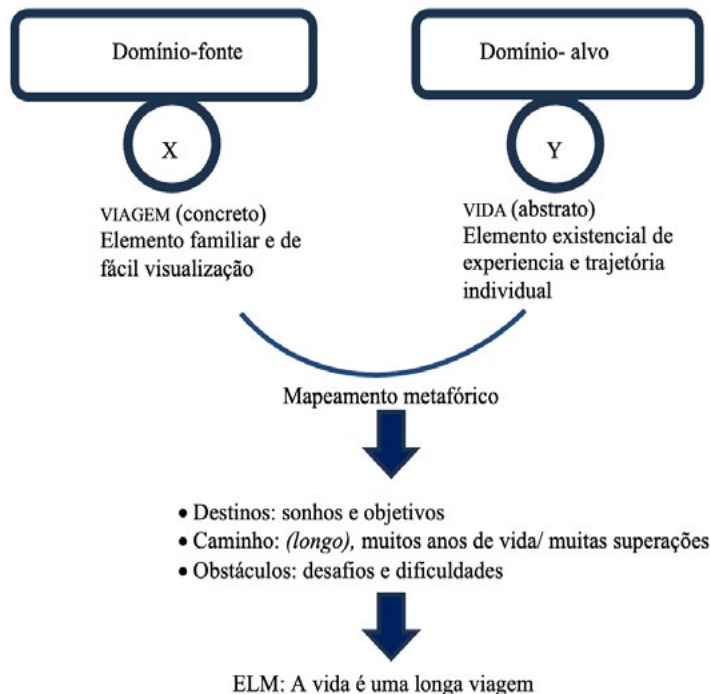
Lakoff e Johnson (2002[1980]) apontam também que as metáforas não são arbitrárias, pois refletem valores de um grupo ao mesmo tempo que contribuem para moldar a realidade social. O que se considera real, relevante ou tangível resulta da interação entre experiência

² O título original da obra é *Metaphors We Live By*, que, em tradução literal, corresponde a *Metáforas pelas quais vivemos* ou *Metáforas segundo as quais vivemos*, indica que estas funcionam como princípios orientadores da experiência e da ação, A edição em português, contudo, foi publicada com o título *Metáforas da vida cotidiana* em 2002.

³ No original: The conceptual domain from which we draw metaphorical expressions to understand another conceptual domain is called source domain, while the conceptual domain that is understood this way is the target domain.

física e estruturas simbólicas compartilhadas por uma comunidade, atuando, portanto, como elo entre o mundo vivido e as estruturas conceituais que organizam a cognição e a linguagem.

Figura 3: Metáfora Conceitual



Fonte: Elaboração própria, 2026.

A metáfora conceitual VIDA É VIAGEM, ilustrada na Figura 3, que pode ser expressa na construção *A vida é uma longa viagem*, utiliza um domínio concreto VIAGEM para estruturar a compreensão de um domínio abstrato vida. Nesse mapeamento, elementos como DESTINO, CAMINHO e OBSTÁCULOS são projetados para o domínio VIDA, permitindo interpretar experiências como METAS, PROCESSOS e DESAFIOS, o que orienta a forma como os indivíduos compreendem suas trajetórias e ações no cotidiano.

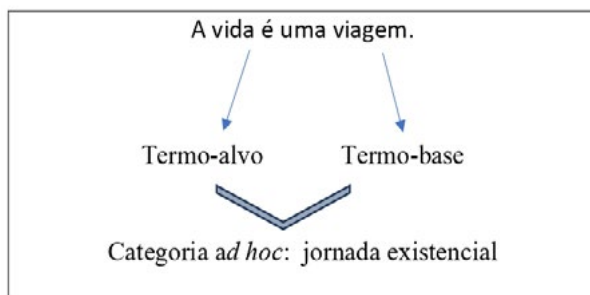
MODELOS COMPOSICIONAIS DA METÁFORA

Diversos estudos posteriores à TMC propuseram classificações e modelos complementares para refinar a compreensão da estrutura e do funcionamento da metáfora deslocando ou ampliando o modelo clássico de Lakoff e Johnson. Essas propostas discutem, entre outros aspectos, *como* os termos metafóricos se organizam em categorias, quais componentes participam

da construção do sentido metafórico e *de que maneira* diferentes domínios conceituais podem ser combinados em estruturas mais complexas.

Nesse sentido, quanto aos componentes, Glucksberg e Keysar (1990) formularam uma proposta alternativa à TMC ao rejeitar a ideia de que a metáfora depende, primordialmente, de mapeamentos sistemáticos entre domínios-fonte e domínios-alvo, estabelece-se uma relação taxonômica entre *termo-base* e *termo-alvo* que, embora semanticamente distantes à primeira vista, são reunidos em uma categoria abstrata e contextual. Para estes estudiosos, as metáforas funcionam por meio de processos de categorização *ad hoc*, nos quais a metáfora consiste em uma afirmação de pertencimento a uma categoria específica criada no momento da fala. Ao dizer algo metaforicamente, o falante está, na prática, afirmando que o alvo pertence a uma categoria específica definida pelo contexto que o termo-base ajuda a construir.

Figura 4: Termo-alvo e termo-base



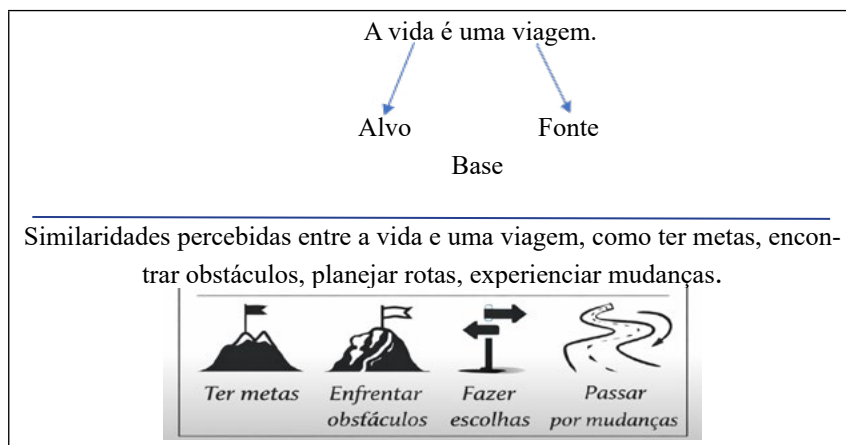
Fonte: Elaboração própria, 2026

Para os autores, a metáfora não depende de mapeamentos sistemáticos entre domínios; mas da categorização contextual. Na prática, quando alguém diz: *Minha vida é uma viagem*, está criando uma categoria específica no contexto que permite entender a VIDA (termo-alvo) em termos de VIAGEM (termo-fonte). Mesmo que, semanticamente, esses termos sejam distantes, eles são agrupados na mesma categoria abstrata e contextual.

Goatly (1997), por sua vez, também propõe uma composição, em que mantém uma estrutura próxima à de Lakoff e Johnson, mas introduz a noção de base como elo na construção do sentido metafórico. A metáfora é descrita a partir de três componentes:

- a) Fonte (*source*): domínio convencional e familiar de onde partem imagens ou expressões;
- b) Alvo (*target*): domínio não convencional, mais abstrato, que se deseja compreender;
- c) Base (*base*): similaridades percebidas entre os dois domínios, que justificam o mapeamento.

Nessa proposta, a metáfora surge da projeção de características da *fonte* sobre o alvo, em que a base sustenta cognitivamente a plausibilidade dessa transferência. Goatly explica ainda que o exame do funcionamento metafórico esclarece os princípios da linguagem literal e metafórica, uma vez que ambos os modos linguísticos se distinguem menos pelos termos envolvidos e mais pelos critérios interpretativos.

Figura 5: Fonte, alvo, base

Fonte: Elaboração própria, 2026.

Na proposta de Goatly, representada na Figura 5, mantém-se a relação entre domínios, mas introduz-se a *base* como elemento mediador. Assim, VIDA (alvo) é compreendida a partir de VIAGEM (fonte), sendo a interpretação sustentada pelas similaridades percebidas, como ter metas, enfrentar obstáculos, fazer escolhas e passar por mudanças. A base funciona, portanto, como o elo cognitivo que justifica a projeção e garante a plausibilidade da metáfora.

Outra estrutura de composição é oferecida por Fauconnier e Turner (1998), com a *Integração Conceitual* na qual as metáforas passam a ser entendidas como casos específicos de mesclagem em que diferentes cenas ou domínios de experiência são combinados para produzir estruturas emergentes. Desse modo, mapeamentos metafóricos passam a ser definidos como conexões dinâmicas entre múltiplos espaços conceituais, em que elementos selecionados são combinados e reorganizados. Em termos composicionais, o que Lakoff e Johnson (2002[1980]) descreveriam como domínio-fonte e domínio-alvo pode ser reinterpretado como *inputs*⁴ que convergem para um *blend*⁵.

⁴ *Input* ou espaço de entrada é o nome dado, na TIC, aos espaços mentais que contêm cenas ou domínios de conhecimento parcialmente estruturados, a partir dos quais se constroem mapeamentos e projeções. Cada input traz elementos, relações e enquadramentos específicos que serão selecionados e combinados no processo de integração (Fauconnier; Turner, 1998).

⁵ *Blend* ou espaço mesclado é o espaço mental emergente resultante da integração de elementos projetados a partir dos espaços de entrada. Nesse espaço, partes selecionadas dos inputs são recombinadas de modo a gerar estrutura nova como inferências, relações e significados que não estavam disponíveis em nenhum dos inputs isoladamente, caracterizando a chamada estrutura emergente Fauconnier; Turner, 1998).

Figura 6: Espaço conceitual

Fonte: Elaboração própria, 2026.

Como ilustrado na Figura 6, *vida* e *viagem* atuam como inputs que se conectam por meio de mapeamentos seletivos, como *VIVER = PERCORRER UM CAMINHO*; E *DECISÕES = ESCOLHAS DE ROTA*. A partir dessas conexões, forma-se um blend, no qual emerge uma estrutura nova: a vida passa a ser concebida como uma jornada com etapas, direção e desvios, possibilitando inferências como fases da vida enquanto etapas do percurso e mudanças como desvios de rota.

Essa perspectiva (que será retomada e detalhada na próxima seção) reformula o modelo clássico de dois domínios ao mostrar que, em muitos casos, a metáfora conceitual participa de configurações mais amplas de integração nas quais o sentido não se limita à transferência de propriedades entre fonte e alvo, todavia resulta da construção de padrões inéditos de relação entre diferentes esquemas de conhecimento.

AVANÇOS INTERNOS E DERIVAÇÕES NA TMC

Longe de constituir-se um sistema fechado, a TMC pode ser compreendida como uma abordagem matricial a partir da qual se desenvolveram diversos modelos de base cognitiva. Esta seção examina essas expansões, que refinam a descrição da metáfora e ampliam a inserção desta em outros ramos de investigação da linguagem.

Um dos primeiros grandes aprimoramentos da TMC, ainda nos anos 1980, diz respeito à formalização da *Teoria dos Esquemas Imagéticos* (TEI) como base estruturante do pensamento metafórico. Estes constituem-se em padrões recorrentes e pré-conceituais extraídos da

experiência corpórea direta e, a partir deles, formam-se os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), que são estruturas mentais derivadas desses padrões e que organizam o conhecimento individual.

A TEI, proposta por Lakoff (1987) e Johnson (1987), parte do pressuposto de que as experiências corporificadas mais básicas estruturam a significação. Para Johnson um EI: “[...] é um padrão recorrente e dinâmico de nossas interações perceptivas e programas motores que dá coerência e estrutura à nossa experiência”⁶ (Johnson, 1987, p. 14). Trata-se de estruturas corporificadas, pré-conceituais e em grande medida inconscientes e universais em sua origem, embora suas manifestações metafóricas variem conforme o contexto. Estes ativam-se conforme a situação e constituem o fundamento inicial e essencial das representações mentais da experiência (Johnson, 1987; Gibbs, 2005; Littlemore, 2015). Gibbs e Colston explicam que:

Esses esquemas abrangem uma grande variedade de estruturas experienciais que são pervasivas na experiência humana, possuem estrutura interna e podem ser elaboradas metaforicamente para compreendermos domínios mais abstrato⁷ (Gibbs e Colston, 2006, p. 258, tradução própria)

Por conseguinte, os EIs organizam ações e significados e fundamentam a projeção metafórica entre domínios conceituais, sustentando a construção de significados complexos e abstratos. Nessa visão, Silva explica o caráter dinâmico e não-proposicional desses padrões ao afirmar que:

[...] grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas – os chamados esquemas imagéticos. Esses esquemas não são imagens detalhadas, mas padrões que integram percepções e movimentos (Silva, 1997, p. 80)

Para o autor, os EIs fornecem uma base espacial e corpórea para a cognição, visto que funcionam como moldes que conectam experiência. E nesse mesmo cenário, Littlemore (2015) explica que esses esquemas constituem as primeiras e mais fundamentais formas de representação mental, emergindo na infância a partir do contato com objetos e da interação sensório-motora com o ambiente, por isso, são inseparáveis da dimensão corporificada da cognição.

⁶ No original: An image schema is a recurring, dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that gives coherence and structure to our experience.

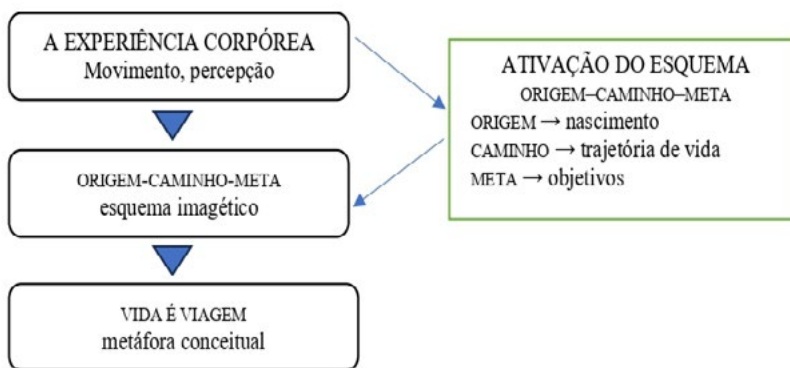
⁷ No original: These image schemas cover a wide range of experiential structures that are pervasive in experience, have internal structure, and can be metaphorically elaborated to provide for our understanding of more abstract domains.

Destaca-se a seguir alguns dos EIs mais recorrentes, a partir de Johnson (1987) e Lakoff (1987):

- a) CONTÊINER, que organiza as ideias de dentro e fora;
- b) PARTE/TODO, que se refere à interdependência entre partes e à noção de completude
- c) LIGAÇÃO, que mostra como se relacionam entidades e atributos;
- d) CENTRO/PERIFERIA, associado à ideia de centralidade e dependência;
- e) ORIGEM–CAMINHO–META, que organiza experiências como jornada, ou movimento de um ponto a outro;
- f) ESCALA, que se refere a noções de quantidade, intensidade ou tamanho, organizadas espacialmente.

Na perspectiva dos EIs, a metáfora VIDA É VIAGEM, destaca-se o esquema ORIGEM–CAMINHO–META (representado na figura 7) derivado da experiência básica de deslocamento no espaço: a ORIGEM corresponde ao nascimento, o CAMINHO à trajetória de vida e a META aos objetivos ou realizações. Esse esquema organiza cognitivamente a compreensão da vida como uma jornada orientada, permitindo ainda a ativação de outros conceitos, como OBSTÁCULOS (dificuldades) e DESVIOS (mudanças), o que indica que a metáfora se ancora em estruturas corporificadas que tornam conceitos abstratos mais compreensíveis

Figura 7: Esquema Imagético



Fonte: Elaboração própria, 2026

A experiência organizada pelos EIs dá origem, de modo esquemático e processual, aos *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCI), que estruturam categorias e protótipos e oferecem quadros conceituais mais complexos para interpretar o mundo. Como sintetiza Lakoff (1987, p. 68, tradução própria): “organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas chamadas

modelos cognitivos idealizados, ou MCIs, e estruturas de categoria e efeitos de protótipo são subprodutos dessa organização⁸.

Ao fornecer molduras conceituais, eles tornam os padrões recorrentes da experiência e os configuram como formas de compreender o mundo e orientar-se nele. Essa característica de *idealização* dos MCIs refere-se ao fato de que esses modelos não necessariamente correspondem à realidade objetiva, mas a versões simplificadas e funcionalmente aceitas dessa realidade, contribuindo para a formação de conceitos que, embora amplamente partilhados são suscetíveis a variações contextuais e históricas. Para ilustrar, Lakoff explica que:

Provavelmente, a melhor maneira de fornecer uma ideia do que são MCI e como eles funcionam na categorização é passar por exemplos. Vamos começar com o conceito de frame de Fillmore. Pegue a palavra inglesa *Tuesday* [terça]. *Tuesday* pode ser definida apenas em relação a um modelo idealizado que inclui o ciclo natural definido pelo movimento do sol, os meios padrão de caracterizar o fim de um dia e o início do próximo, e um maior ciclo de calendário de sete dias - a semana. No modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e a terceira é terça-feira. Da mesma forma, o conceito de fim de semana requer uma noção de uma *semana* de trabalho de cinco dias seguida por um intervalo de dois dias, sobreposta ao calendário de sete dias. Nosso modelo de uma semana é idealizado. Semanas de sete dias não existem objetivamente na natureza. Elas são criadas por seres humanos. Na verdade, nem todas as culturas têm os mesmos tipos de semanas (Lakoff, 1987, p. 68-69, tradução própria)⁹

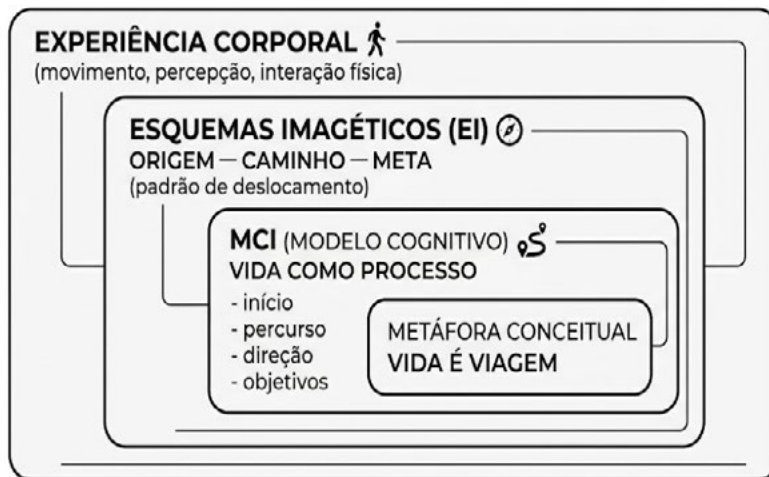
Descrever adequadamente uma categoria exige, portanto, articular esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados em que dos EI provêm padrões corporificados básicos, enquanto os MCIs organizam esse material em estruturas conceituais mais complexas, responsáveis por efeitos de prototipicidade, pela coerência interna das categorias e pela possibilidade de extensão metafórica.

⁸ No original: We organize our knowledge by means of structures called idealized cognitive models, or ICMs, and that category structures and prototype effects are by-products of that organization.

⁹ No original: Probably the best way to provide an idea of what ICMs are and how they work in categorization is to go through examples. Let us begin with Fillmore's concept of a frame. Take the English word Tuesday. Tuesday can be defined only relative to an idealized model that includes the natural cycle defined by the movement of the sun, the standard means of characterizing the end of one day and the beginning of the next, and a larger seven-day calendric cycle-the week. In the idealized model, the week is a whole with seven parts organized in a linear sequence; each part is called a day, and the third is Tuesday. Similarly, the concept weekend requires a notion of a work week of five days followed by a break of two days, superimposed on the seven-day calendar. Our model of a week is idealized. Seven-day weeks do not exist objectively in nature. They are created by human beings. In fact, not all cultures have the same kinds of weeks.

A relação entre esses níveis pode ser visualizada como uma cadeia de complexidade crescente: experiência corporal (EI) → estrutura mental organizada (MCI) → Metáforas conceituais. Essa articulação mostra como esquemas corporificados se desdobram em modelos conceptuais mais elaborados, que regulam a interpretação de objetos, eventos e relações sociais, servindo de base para as metáforas conceituais descritas pela TMC.

Figura 8: Relação entre EI e MCI



Fonte: Elaboração própria, 2026

A Figura 8 exemplifica a articulação entre os processos cognitivos por meio da metáfora VIDA É VIAGEM, mostrando como os níveis se encadeiam. A partir da experiência corporal, emerge o esquema imagético ORIGEM–CAMINHO–META, que é organizado em um MCI no qual a vida é estruturada como um processo com início, percurso, direção e objetivos. Esse modelo, por sua vez, sustenta a metáfora conceitual, permitindo compreender a vida em termos de viagem.

No contexto de ampliação dos estudos da metáfora insere-se os trabalhos de Grady (1997), que, em sua tese de doutorado, formula a *Teoria da Metáfora Primária* (TMP). Essa proposta nasce da constatação de algumas limitações da TMC, tais como:

- a) A pobreza de certos mapeamentos, que não parecem contar com realizações linguísticas sistemáticas;
- b) A falta de base experiencial clara entre determinados domínios-fonte e domínios-alvo;
- c) A inconsistência entre mapeamentos metafóricos.

Com esses apontamentos, o autor questiona a motivação corpórea de várias metáforas e a ausência de um fundamento experiencial explícito que as justifique. Para resolver esse impasse, Grady (1997) distingue dois níveis de metáfora:

- a) As metáforas primárias: são mapeamentos mínimos, relativamente universais, baseados em correlações corpóreas recorrentes.
- b) As metáforas complexas: que resultam da combinação de várias metáforas primárias, articuladas para estruturar conceitos abstratos mais amplos.

Como exemplo de metáfora primária, o autor usa QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, esta deriva de experiências visuais em que níveis de líquidos, pilhas de objetos ou colunas de gráficos sobem e descem conforme há mais ou menos de algo. Essa correlação permite que, em domínios abstratos, AUMENTAR seja entendido como SUBIR e DIMINUIR como DESCER, o que se apresenta em ELM como *Os preços subiram ou O número de casos caiu*.

Já, como exemplo de metáfora complexa, tem-se TEMPO É DINHEIRO, que integra diferentes mapeamentos básicos, COMO RECURSOS SÃO OBJETOS VALIOSOS E QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, o que permite conceber o tempo como recurso escasso que pode ser *gasto, investido, perdido ou economizado*, expresso em ELM como *Ele perdeu muito tempo com burocracia ou É preciso investir tempo nos estudos*. Neste caso, verbos e expressões oriundos do domínio econômico são projetados sobre o domínio temporal, estruturando a experiência do tempo em termos de gestão de recursos financeiros.

Nisso, a *cena primária*, entendida como representação cognitiva esquemática de uma experiência repetida em que duas dimensões experienciais se apresentam ligadas de forma sistemática, serve como a base estrutural das metáforas. E para explicitar a lógica desses mapeamentos, o autor diferencia dois tipos de vínculo entre conceitos na formação de metáforas:

- a) A correlação entre domínios experienciais distintos, que ocorre quando dois aspectos da experiência se apresentam juntos de forma recorrente, como no caso da associação entre ESFORÇO FÍSICO E DIFICULDADE DE TAREFA;
- b) A percepção de semelhança entre objetos, típica de metáforas de imagem, em que a comparação se apoia em propriedades compartilhadas, como na metáfora ELE É UM LEÃO, baseada na semelhança percebida em termos de coragem ou ferocidade.

No plano metodológico, Grady (1997) descreveu a investigação da metáfora como um procedimento em três etapas:

- a) identificação de expressões metafóricas recorrentes nas línguas naturais;
- b) reconstrução da metáfora conceitual que as licencia, a partir do contexto e do significado dessas expressões;
- c) confirmação do mapeamento por meio de novas ocorrências linguísticas que atualizem a mesma estrutura metafórica. O movimento analítico vai, assim, das expressões superficiais aos mapeamentos conceptuais subjacentes.

Estas etapas sistematizam a passagem do dado empírico à abstração teórica, garantindo que a postulação de uma metáfora conceitual não seja arbitrária, mas ancorada em padrões efetivamente atestados de uso.

A *Teoria da Fusão (conflation)*, proposta por Johnson (1997), aprofunda esse quadro ao explicar como as metáforas primárias se formam ontogeneticamente. Em vez de considerar os mapeamentos metafóricos apenas como produtos da cognição em adultos, Johnson atem-se ao processo de *aquisição da linguagem* sugerindo que as correlações entre domínios que sustentam as metáforas primárias emergem em um estágio inicial do desenvolvimento infantil, no qual certas experiências ainda não são diferenciadas entre si. Nesse período de fusão (*conflation period*), experiências sensorio-motoras e avaliações subjetivas ou afetivas ocorrem de forma simultânea e indiferenciada para a criança. Episódios recorrentes como dormir encostado nos pais, caminhar de mãos dadas ou ficar colado a um cuidador configuram cenas primárias nas quais PROXIMIDADE FÍSICA E INTIMIDADE AFETIVA são vividos como um único todo experiencial, a partir do qual emergem, mais tarde, expressões como *Amigo próximo*, *Relacionamento distante*, nas quais a distância espacial passa a codificar graus de envolvimento emocional.

Jonhson (1997) mostra ainda, a partir de dados de aquisição, que muitas expressões usadas metaforicamente pelos adultos são inicialmente mapeadas pela criança em cenas misturadas ou fundidas (*confladas*), nas quais o uso literal e o metafórico ainda não se separam. A fusão, portanto, não corresponde a uma metáfora pronta na mente infantil, mas a um padrão experiencial composto que serve de base para a posterior emergência de metáforas primárias sistemáticas, reforçando a tese de que a TMP está enraizada em correlações corpóreas vividas desde a infância.

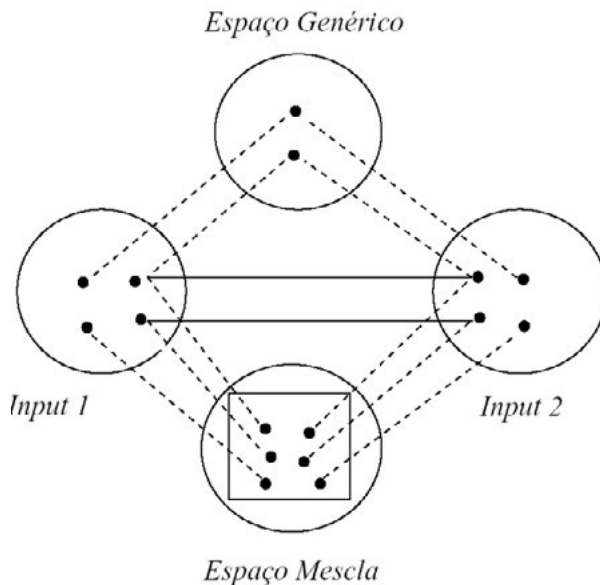
No mesmo horizonte de refinamento dos estudos cognitivos situa-se a *Teoria da Integração Conceitual (TIC)* desenvolvida por Fauconnier e Turner (1998). Esta proposta descreve o pensamento metafórico em termos de redes de espaços mentais interconectados que parte da distinção entre quatro tipos de espaços: *um espaço genérico*, que contém a estrutura esquemática compartilhada; *dois espaços de entrada (input spaces)*, cada um correspondendo a cenas ou domínios específicos que fornecem material conceitual distinto; e *um espaço mesclado (blended space)*, no qual elementos selecionados dos inputs são combinados e reorganizados, produzindo estrutura emergente.

Os mapeamentos metafóricos passam, desse jeito, a ser entendidos como conexões entre espaços de entrada licenciadas pela estrutura do espaço genérico e projetadas seletivamente para o espaço mesclado com possibilidade de projeção de retorno na forma de novas inferências. Assim, a mesclagem envolve ainda três operações cognitivas:

- a) Composição: junção inicial de elementos dos espaços de entrada;
- b) Finalização: inferência e preenchimento de lacunas conceituais com base em conhecimento enciclopédico e expectativas culturais;

c) Elaboração: desenvolvimento da nova estrutura cognitiva emergente, por meio de simulações imaginativas e raciocínios adicionais.

Figura 9: Diagrama completo da mesclagem



Fonte: Andrade e Ferrari (2017)

Nos estudos da área há um debate sobre a relação entre TIC e TMC no qual estudos¹⁰ sugerem que a TMC não é suficiente para explicar a variabilidade das metáforas em uso, sobretudo em casos em que múltiplos domínios e modos de significação se combinam. No entanto, Gibbs (1994) e Kövecses (2002) consideram essas teorias complementares, visto que funcionam em diferentes níveis, pois enquanto a TMC descreve mapeamentos convencionais e sistemáticos entre domínios, a TIC oferece meios para compreender a criação de metáforas complexas, especialmente aquelas que combinam múltiplas metáforas primárias e EIs em cenários discursivos específicos.

Dessa forma, adota-se neste trabalho a perspectiva de que a TIC representa um desdobramento da TMC, na medida em que ambas compartilham fundamentos da LC especialmente à concepção da metáfora como fenômeno eminentemente cognitivo, embora com ênfases distintas.

Compondo os aprimoramentos de estudos da TMC, a *Teoria da Carreira da Metáfora* (TCMet) articula o funcionamento metafórico a processos de alinhamento estrutural, categorização e mudança semântica ao longo do tempo. Diferentemente, por exemplo, da TEI e da TMP, que têm propostas voltadas sobretudo à origem corpórea dos mapeamentos, a TCMet

¹⁰ Dentre outros, um exemplo dessa proposição é o trabalho de Deignan (2005). Conferir: DEIGNAN, A. **Metaphor and corpus linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

busca explicar como metáforas novas se tornam convencionais e, posteriormente, estruturaram-se em sentidos lexicais estabilizados.

Bowdle e Gentner (1995) propuseram a *hipótese da carreira da metáfora*, segundo a qual as metáforas percorrem um trajeto que vai de um estágio inicial, fortemente apoiado em comparação, a um estágio posterior dominado pela categorização. No início de sua *carreira*, o falante coloca em correspondência as relações presentes em cada domínio e importa predicados do domínio-fonte para o domínio-alvo, o que faz com que a metáfora passe a ser fonte de polissemia à medida que o termo-base passa a comportar tanto um sentido literal quanto um sentido metafórico abstrato. Os autores propuseram três grandes estágios nessa hipótese:

- a) No primeiro, característico das metáforas novas, a interpretação é guiada pela comparação em que base e alvo são tomados em seus sentidos literais e alinhados estruturalmente;
- b) No segundo, típico das metáforas convencionais, o termo base passa a associar um sentido específico a uma categoria metafórica abstrata, permitindo que o processamento oscile entre comparação e categorização;
- c) No terceiro estágio, a interpretação metafórica consolida-se como um sentido lexical padrão do termo base, de modo que a metáfora se converte em caso de polissemia; em alguns casos extremos, o sentido literal tende a desaparecer, sobrevivendo apenas o antigo sentido metafórico.

Nesse quadro, a interpretação de metáforas novas tende a envolver criação de sentido, enquanto a compreensão de metáforas convencionais se aproxima da recuperação de um sentido já estabilizado na memória semântica. Nessa perspectiva, as metáforas conceituais percorrem trajetórias de convencionalização em que comparação e categorização se combinam na construção e estabilização de significados.

Como exemplo da carreira da metáfora, pode-se considerar usos do conceito TUBARÃO aplicado a pessoas. Em enunciados inicialmente inovadores, como *Aquele advogado é um tubarão*, o intérprete precisa comparar fonte e alvo, alinhando propriedades literais do animal como agressividade, voracidade e predação, ao comportamento do profissional. Com o uso reiterado em diferentes contextos, TUBARÃO passa a designar uma categoria metafórica relativamente estável de *profissionais agressivos e pouco escrupulosos*, de modo que a interpretação já não exige uma comparação detalhada. Em estágio avançado, o sentido metafórico tende a se cristalizar no léxico como acepção convencional de TUBARÃO, ilustrando o percurso descrito na carreira da metáfora.

A *Teoria Neural da Metáfora* (TNM), desenvolvida principalmente por Lakoff, Feldman e Narayanan, constitui uma extensão neurocognitiva da TMC, articulando pressupostos da cognição corporificada com modelos neurais e computacionais da linguagem (Narayanan, 1997; Feldman, 2006; Lakoff; Narayanan, 2025). Esta teoria propõe um modelo computacional e biológico que explica como as metáforas conceituais emergem da arquitetura cerebral,

situando o pensamento metafórico no nível da atividade neural (Feldman, 2006). A ideia é que o pensamento abstrato é corporificado, e que os mesmos sistemas neurais que processam experiências sensório-motoras também são recrutados para estruturar conceitos abstratos. Nesse ponto, quando certos padrões de experiência se repetem, formam-se circuitos estáveis; posteriormente, esses circuitos podem ser reaproveitados para organizar domínios mais abstratos.

Lakoff e Narayanan (2010) explicam, ainda, que estruturas como os EIs, MCIs e redes de metáforas podem ser formalizadas em termos de *modelos computacionais neurais*, nos quais circuitos de disparo simulam rotinas de ação, esquemas de evento e inferências que, em nível cognitivo, são descritos como mapeamentos metafóricos. Desse modo, ELM como Subir os preços, *Carregar um fardo ou Esfriar a relação*, tanto são projeções conceituais abstratas, como a ativação coordenada de circuitos ligados à experiência física de ALTURA, PESO ou TEMPERATURA, reaproveitados para conceitualizar domínios econômicos, emocionais ou sociais.

A contribuição da TNM para os estudos da metáfora conceitual consiste, portanto, em relacionar a metáfora conceitual em uma descrição neurobiológica explícita, articulando cognição corporificada, modelagem computacional e evidências da neurociência cognitiva situando a metáfora no nível da dinâmica de redes neurais, a partir da tese de que o pensamento abstrato é inseparável dos sistemas perceptivo-motores e oferece um caminho para testar, por meio de simulações e dados experimentais, hipóteses formuladas originalmente em termos puramente teóricos pela LC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo reconstruir o percurso a partir da concepção da metáfora como ornamento retórico à formulação desta como processo cognitivo importante nos estudos linguístico-cognitivos e apresentar alguns de suas principais contribuições. Para isso, este estudo retomou a tradição retórica e filosófica, mostrando como, de Aristóteles a autores modernos, a metáfora foi sendo deslocada do campo exclusivo do embelezamento discursivo para o plano da forma simbólica até chegar-se à TMC na qual definiu-se a metáfora como estrutura do sistema conceitual e como elo entre linguagem, experiência corporificada e organização da vida cotidiana.

Os resultados dessa reconstrução histórica indicam que a TMC surgiu de uma série de incursões que já vinham atribuindo à metáfora, uma função epistemológica e interpretativa advindas de um adensamento teórico progressivo no qual a metáfora se torna cada vez mais vinculada à organização do conhecimento.

Ao sistematizar as contribuições, contraposições, e alternativas à TMC, este artigo mostrou que essa teoria funciona como matriz a partir da qual se desenvolveram modelos que aprofundam diferentes abordagens. Com essa organização, o trabalho alcança o objetivo de oferecer uma visão integrada da TMC e de seus desdobramentos, explicitando tanto continuidades quanto tensões entre as propostas revisadas. Nesse sentido, o percurso aqui delineado busca oferecer um mapa teórico que pretende contribuir para investigações empíricas que explorem, de modo mais integrado, a articulação entre metáfora conceitual, cognição e práticas de linguagem em diferentes contextos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. de; FERRARI, L. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes *we* e *you* em inglês. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 219-241, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/32326>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, comentários e índices de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BLACK, M. **Models and metaphors**. Ithaca: Cornell University Press, 1962.
- BOWDLE, B. F.; GENTNER, D. **The career of metaphor**. Poster presented at the 36th Annual Meeting of the Psychonomic Society, Los Angeles, 1995.
- BURKE, K. **A grammar of motives**. New York: Prentice-Hall, 2023 [1945].
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. **Cognitive Science**, v. 22, n. 2, p. 133-187, 1998. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1207/s15516709cog2202_1. Acesso em: 10 jan. 2025.
- FELDMAN, J. A. **From molecule to metaphor: a neural theory of language**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- FRYE, N. **Anatomy of criticism: four essays**. Princeton: Princeton University Press, 1971 [1957].
- GIBBS, R. W. Jr. **The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIBBS, R. W. Jr. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- GIBBS, R. W. Jr. COLSTON, H. L.; Metaphor processing. In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (org.). **The Routledge Handbook of Metaphor and Language**. London/New York: Routledge, 2006. p. 457-471.

- GLUCKSBERG, S.; KEYSAR, B. Understanding metaphorical comparisons: beyond similarity. **Psychological Review**, v. 97, n. 1, p. 3-18, 1990. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1990-14643-001>. Acesso em: 4 maio 2023.
- GOATLY, A. **The language of metaphor**. London: Routledge, 1997.
- GRADY, J. E. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística): University of California, Berkeley, 1997.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 34-62.
- JOHNSON, C. Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: the case of see. In: HIRAGA, M. K.; SINHA, C.; WILCOX, S. (org.). **Cultural, Psychological and Typological Issues in Cognitive Linguistics**: Selected Papers of the Bi-annual ICLA Meeting in Albuquerque, July 1995. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 155-170.
- JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAKOFF, G.; NARAYANAN, S. Toward a computational model of narrative. In: **AAAI fall symposium on computational models of narrative**, 2010, Arlington, VA. Papers from the AAAI Fall Symposium. Palo Alto, CA: AAAI Press, 2010. p. 21-28.
- LAKOFF, G.; NARAYANAN, S. **The neural mind: how brains think**. Chicago: The University of Chicago Press, 2025.
- LANGER, S. K. **Filosofia em nova chave**: um estudo do simbolismo da razão, rito e arte. São Paulo: Perspectiva, 1971 [1942].
- LITTLEMORE, J. **Metonymy**: hidden shortcuts in language, thought and communication. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- LOCKE, J. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1690].
- RICHARDS, I. A. **The philosophy of rhetoric**. New York: Oxford University Press, 2018 [1936].

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. Trad. Dionísio de Oliveira Toledo. São Paulo: Edições Loyola, 2003 [1975].

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos**, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/4456?articlesBySimilarityPage=7&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 5 maio 2024.

TURBAYNE, C. M. **The myth of metaphor**. New Haven: Yale University Press, 1962.

ULLMANN, S. **Semantics**: an introduction to the science of meaning. Oxford: Basil Blackwell, 1962.

Recebido para publicação em: 9 fev. 2026.

Aceito para publicação em: 1 abr. 2026.